

## EDUCAÇÃO E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO NA DIOCESE DO CRATO: O EXEMPLO DO COLÉGIO DIOCESANO 1927 – 1988

Francisco Joel Magalhães da Costa | joelmagalhaes1@gmail.com

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta o entendimento acerca do processo de romanização da educação e a conseqüente reforma e criação de escolas confessionais, observando o papel desempenhado por estas instituições e a forma como elas contribuíram para a manutenção da Diocese do Crato. Neste sentido, a nossa discussão tenta aliar as temáticas a respeito de religião e educação, envolvendo as ações instrucionais da Igreja Católica com vistas à romanização da educação.

Esse marco temporal é de grande importância para o campo educacional da Região do Cariri cearense, pois é a partir do seu início que se percebe a ação de Dom Quintino, primeiro bispo, indicado para a recém-criada, diocese do Crato, cujo trabalho se mostrou direcionado para a educação. Sua ação pastoral voltou-se para o aperfeiçoamento e para a criação de uma estrutura educacional que correspondesse às expectativas do projeto de romanização da educação no Estado do Ceará, segundo o Concílio Vaticano I.<sup>183</sup>

A partir de 1890, com a quebra do regime do Padroado<sup>184</sup>, a Igreja, agora, separada do Estado, daria início a essa reforma, de acordo com as orientações advindas da Santa Sé Romana, as quais estabeleciam novos padrões para a organização eclesiástica e para as práticas religiosas a serem implantadas junto aos fiéis.

O acompanhamento minucioso do trabalho desenvolvido pelas congregações religiosas católicas em vários países pelo centro político do catolicismo, sobretudo a partir do

---

183O Concílio Vaticano I (CV I) deu-se de 8 de Dezembro de 1869 a 18 de Dezembro de 1870. E foi proclamado por Pio IX (1846 a 1878). As principais decisões do Concílio foram conceber uma Constituição dogmática intitulada "Dei Filius", sobre a Fé católica e a Constituição Dogmática "Pastor Aeternus", sobre o primado e infalibilidade do Papa quando se pronuncia "ex-cathedra", em assuntos de fé e de moral. E tratou-se de questões doutrinárias que eram necessárias para dar novo alento e informar melhor sobre assuntos essenciais de Fé. Para além de proclamar como dogma a Infalibilidade Papal, o Concílio, ao defender os fundamentos da fé católica, condenou os erros do Racionalismo, do Materialismo e do Ateísmo.

184Padroado significa direito de protetor, por quem fundou ou dotou uma igreja. Direito de conferir benefícios eclesiásticos. No Brasil, segundo os textos historiográficos, o termo Padroado se refere ao direito de autoridade da Coroa Portuguesa a Igreja católica, nos territórios de domínio Lusitano. Esse direito do Padroado consistiu na delegação de poderes ao rei de Portugal, concedida pelos papas, em forma de diversas bulas papais, uma das quais uniu perpetuamente a Coroa Portuguesa à Ordem de Cristo, em 30 de dezembro de 1551. Com a Independência do Brasil, esse direito foi transferido à Coroa Brasileira.

pontificado de Pio IX (1846-1878), fazia parte da política adotada pela Igreja Romana destinada a enfrentar os ataques advindos de diferentes setores sociais imbuídos de ideologias condenatórias da religião e, em especial, da instituição católica, na época.

Segundo HOBBS (1982), todas as correntes intelectuais do século XIX se mostraram anticlericais, “dos liberais moderados aos marxistas e anarquistas”, e almejavam “tomar da religião qualquer status oficial na sociedade”, à qual conferia um papel próximo ao das organizações “puramente voluntárias”. Ainda, conforme o autor, este posicionamento estava associado à crença no caráter retrógrado das religiões, principalmente, das “bem estabelecidas” que se mostravam “hostis ao progresso”. Baseava-se também na crescente capacidade administrativa, amplitude e ambição do estado laico – mesmo na sua forma mais “laissez-faire”<sup>185</sup> e liberal – que se mostrava decidido a expulsar organizações privadas daquele que, à época, considerava como seu campo de atuação.

A Igreja Católica, dentro desse contexto, procurou desenvolver estratégias, tais como a interferência nas Igrejas nacionais para adequá-las ao pensamento e ao comportamento romanos, visando o fortalecimento da instituição, defendendo-a, sobretudo, de seus adversários em todo o mundo.

Já em território brasileiro, a adequação dos fiéis ao modelo do catolicismo romanizado implicava na destruição dos padrões religiosos fundamentados na prática, nos rituais católicos populares que se desenvolveram no decorrer de quatro séculos. Tal catolicismo, denominado pelos estudiosos de “popular”, foi desenvolvido desde o período colonial, concomitante ao que era pregado pela Igreja oficial. Constituíam-se em um conjunto de práticas e de representações religiosas que não dependiam da intervenção da autoridade eclesiástica, ou seja, a relação entre os fiéis e seus santos protetores se dava sem a intermediação da Igreja. Era firmado entre fiéis e os respectivos santos, de quem eles eram devotos, uma espécie de acordo que era expresso em rituais, atos de culto, tais como: novenas, orações, romarias e festas, a exemplo da romaria de Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará, o que demonstrava uma relação permanente de proteção e devoção, já que se acreditava que maior era a proteção tanto maior fosse a devoção.

Na maioria das vezes, as expressões populares do catolicismo, comuns tanto nas vilas como nas cidades, se davam no âmbito das confrarias e das irmandades que eram dirigidas

---

<sup>185</sup>Laissez-faire é hoje expressão-símbolo do liberalismo econômico, na versão mais pura de capitalismo de que o mercado deve funcionar livremente, sem interferência, apenas com regulamentos suficientes para proteger os direitos de propriedade. <https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=laissez-faire>. Pesquisa realizada em 27/07/2015.

por leigos e que, embora reconhecidas pelo direito eclesiástico e civil, não dependiam das autoridades constituídas pela Igreja para a sua administração.

Na tentativa de adequar-se aos padrões estabelecidos por Roma, a Igreja tentou adequar as antigas associações às suas novas diretrizes e convocou congregações estrangeiras que concordavam plenamente com os novos ideais de romanização, para promover a educação da juventude voltada para os princípios morais e religiosos determinados pela Santa Sé.

Tais associações religiosas foram sendo instituídas nas paróquias que dependiam diretamente das dioceses. Durante a Reforma, essas unidades eclesiásticas passaram a ser o centro da aplicação das determinações romanas. Era a partir delas que se propagavam os padrões oficiais de comportamento nos cultos e nas solenidades religiosas, e somente em sua instância podiam ser recebidos os sacramentos. Segundo DIEL (1997), as paróquias, naquele momento, constituíram-se em unidade estáticas, e a partir delas, a Igreja buscou “fundamentar uma verdadeira conquista espiritual” do povo. Ampliando o número das dioceses e, paralelo a isso, também como estratégia para dar-lhe sustentação social, a Igreja resolveu criar e reformar escolas confessionais para a educação e formação da juventude.

Desse modo, o século XX, como recorte temporal estabelecido neste artigo, justifica-se pelo fato de propiciar reflexão e análise sobre as ações estratégicas da Igreja Católica no Brasil, na tentativa de manter suas atribuições e regalias como religião da maioria. Crato aparece como ponto de partida para entender questões maiores que envolvem não apenas o espaço do sagrado, mas questões políticas, econômicas, sociais e culturais de um país que nasceu à sombra do catolicismo.

A romanização da educação no Cariri mostrava-se para a Igreja de Roma cada vez mais urgente devido à difusão do catolicismo popular em Juazeiro do Norte, a partir do episódio da hóstia transformada em sangue na boca da beata Maria de Araújo. Daí a urgência de um mecanismo de controle a partir da criação da diocese do Crato e do desenvolvimento de uma estrutura escolar para divulgar o catolicismo romanizado.

Vale ressaltar que, embora esse recorte nos remeta ao século XX, por vezes, sentimos a necessidade de retroceder um pouco no tempo, a fim de buscar sustentação nos fatos históricos para reforçar nossas argumentações.

A criação e a reforma de escolas confessionais administradas por congregações religiosas tais como o Colégio Santa Teresa de Jesus, administrado pela Congregação das

Filhas de Santa Tereza de Jesus, fundado para a formação de moças, a partir da ação romanizadora do então bispo do Crato, Dom Quintino; o Seminário São José, criado desde o séc. XIX (1874-1875), dentre outras instituições escolares, que foram abertas e administradas por outras congregações religiosas como: o Colégio Salesiano Dom Bosco, administrado pelos padres salesianos, em Juazeiro do Norte; o Colégio Santo Antônio e o Colégio de Nossa Senhora de Fátima, situados em Barbalha, administrados respectivamente pelos padres salvatorianos e pelas irmãs beneditinas, são exemplos de instituições criadas com o intuito de dar sustentação e levar adiante o projeto de romanização da educação no Cariri.

É neste ponto que propomos o entendimento acerca do processo de romanização da educação e a conseqüente reforma e criação de escolas confessionais, observando o papel desempenhado por estas instituições e a forma como elas contribuíram para a manutenção da Diocese do Crato. Destacaremos nesta análise o Colégio Diocesano do Crato.

### **ESCOLA SÃO JOSÉ – SEMENTE DO GYMNASIO DIOCESANO – ATUAL COLÉGIO DIOCESANO DO CRATO**

A história educacional do Crato, segundo Figueiredo Filho (1966) tem início com a chegada, em 1864, do Padre Ibiapina através de suas obras caritativas, no setor social e no setor educacional e com a criação do Seminário São José, em 1875. O respectivo padre era orientado pelos Padres Lazaristas, que difundiam a filosofia cristã através da formação de quadros para a Igreja e através dos seus colégios na formação da elite intelectual da região.

Ficou sob a responsabilidade da Comarca do Crato a implementação da educação sistematizada, sob a vigilância da Igreja Católica. Com essa intenção foi criado o Seminário São José, sendo a primeira escola de ensino superior, para formar quadros para a região.

É por isso que Cavalcante (1995) faz menção ao livro do Professor Raimundo de Oliveira Borges intitulado “O Crato Intelectual”, publicado em 1995. Na ocasião, o mencionado Professor salienta: “Crato exerce, desde os seus primórdios, marcante influência sobre as demais localidades do Cariri, e, até mais longe, em toda a vasta hinterlândia nordestina. É por isso uma cidade grande. Não em extensão. Tamanho só não é sinal de grandeza; grandeza é conteúdo, e o Crato tem conteúdo” (BORGES, 1995, p. 23). O Seminário São José foi construído em 1874, por ordem de D. Luís, primeiro Bispo do Ceará. Também pela Diocese, foi fundado, em 1909, o Colégio São José, posteriormente chamado de

“Gymnásio do Crato”, em 1927.

O referido Ginásio tinha sede própria e tinha como proprietário o Padre Francisco de Assis Pita. Entretanto, em 1935, foi vendido para a Diocese do Crato que o equipou como o Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, para atrair os filhos da elite da região.

No momento de instalação do Seminário, Della Cava (1976) registra um período de dificuldade vivida, em função da seca de 1877 a 1879, levando-o a cerrar as portas, sendo reaberto somente em 1888. Sua importância é crucial como referência em qualidade da instrução em toda região do Cariri. Para Della Cava, a construção de um Seminário no interior significou a tomada de posição da igreja brasileira diante do conflito entre “uma igreja romanizada e as forças secularizantes da sociedade brasileira”.

A visão do Crato como sendo o celeiro da intelectualidade do Cariri e da influência que a Igreja Católica exerceu na educação da elite cratense e das regiões circunvizinhas, pode ainda ser observado na atualidade, através de discussões travadas no sítio da Internet, do site [www.chapadadoararipe.com](http://www.chapadadoararipe.com), acerca da temática “O Jornal A AÇÃO e a Romanização do Catolicismo no Cariri (Parte II)”, de José do Vale Pinheiro Feitosa, no dia 26 de Janeiro de 2008, em resposta a Océlio Texeira de Sousa,

(...) “a relevância do papel da igreja cratense em todos os sentidos até para este formato um tanto quanto de elite que perdura até hoje na cidade. A sua maior agudeza foi ter ido aos textos do Monsenhor Rocha, ele de fato foi um grande pensador e líder da igreja cratense, até por ter sido durante os finais dos anos 30, 40 e começo dos cinquenta uma grande figura do seminário São José. Tinha enorme influência em todos os padres seculares formados neste período. O meu pai, José do Vale Arraes Feitosa, tinha enorme apreço por monsenhor Rocha. (...) Os padres eram líderes ativos na sociedade, o Diocesano e o Santa Teresa eram colégios formadores de elite, essencial para a reprodução das famílias tradicionais”. (...) <http://www.crato.org/chapadadoararipe/2008/01/25/o-jornal-a-acao-e-a-romanizacao-do-catolicismo-no-cariri-parte-ii/>

O Colégio Diocesano do Crato evoluiu historicamente do Colégio São José, fundado em 1909. A partir de 1927, passou a chamar-se Ginásio do Crato, então em sua sede própria, sob a responsabilidade do Padre Pita que defendeu os interesses da instituição, durante seis anos, ampliando a sua área de ação. A instalação ocorreu em 01 de fevereiro de 1927 e o Padre Pita obteve, de logo, a inspeção preliminar do Governo Federal.

Segundo Humberto Cabral,

**XIV ECHE – ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**  
**IV ENHIME – ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO**  
**FORTALEZA – CE | 17 a 19 de Setembro de 2015 | ISSN XXXX XXXX**

“O Ginásio do Crato foi fundado pelo Padre Pita, foi repassado à diocese. A intenção era manter o vínculo com a diocese. A diocese comprou da família e foi Monsenhor Montenegro que pagou as prestações”. (Entrevista realizada com o Professor e Memorialista Humberto Cabral em abril de 2011).

Entre 1928 e 1931, o ensino do Ginásio oficializou-se através da inspeção federal provisória. Durante os 06 anos da administração do Padre Pita, foi aberto o regime de internato e semi-internato, oferecendo o curso primário e secundário. Posteriormente, adequando-se ao regimento federal, implantou gabinetes de Física, Química e História Natural, equiparando-se ao Colégio Pedro II, do Rio de Janeiro, então referência na Educação Nacional. Finalmente, por força de Decreto número 21.241, de 04 de abril de 1932, o Instituto conseguiu equiparação definitiva.

Quando da sua criação, o Ginásio do Crato era o único a oferecer a educação secundária em um raio de 500 quilômetros. Dada a sua posição geográfica, o Ginásio do Crato atraiu estudantes de vários estados vizinhos, advindos de famílias importantes que confiavam à escola confessional a formação de seus filhos.

Segundo as palavras do Sr. Humberto Cabral, memória viva da história do Crato,

“Grandes colégios eram agregados, sob a inspeção do Colégio Pedro Segundo do Rio de Janeiro. O Colégio Diocesano recebia alunos de todo o interior do Nordeste. Era a maior escola de civismo do interior”. (Entrevista realizada com o Professor e Memorialista Humberto Cabral em abril de 2011).

Em meados dos anos de 1940, é enviada ao MEC – Ministério da Educação e Cultura, a proposta do curso científico. O MEC reconheceu como absurda a ideia, uma vez que não reconhecia o quadro de professores como capaz. Naquele momento o quadro era constituído por:

- 3 Padre Davi Augusto Moreira – cientista e músico – professor de física, química e matemática;
- 4 Padre Antonio Gomes de Araújo – professor de história;
- 5 Monsenhor Montenegro – professor de inglês;
- 6 José Newton Alves de Sousa – professor de português;
- 7 José do Vale Feitosa – professor de geografia e latim;
- 8 Monsenhor Raimundo Augusto – professor de espanhol e francês;
- 9 Dr. José Nilo Alves de Sousa – professor de desenho.

Padre Davi Augusto Moreira foi o professor escolhido para representar o quadro de professores a ser sabatinado pelo MEC. Seis professores do Liceu do Ceará foram os responsáveis pela sabatina. Em 1948, o curso científico era criado.

Ainda segundo Humberto Cabral,

“Grandes nomes do Brasil passaram pelo Colégio Diocesano, Cláudio Martins, Humberto Barreto, Adauto Bezerra, Muniz Falcão, Miguel Arraes, Elvídio Nunes, Wilson Gonçalves. Só para provar como o Colégio formava líderes em todos os campos e principalmente no político”. (Entrevista realizada com o Professor e Memorialista Humberto Cabral em abril de 2011).

A criação do curso científico atraiu mais ainda alunos de todo o interior nordestino, a elite do interior, ou seja, as famílias cristãs que tinham condições financeiras e que acreditavam na formação dos homens do futuro confiavam a formação de seus filhos ao Colégio Diocesano do Crato, respaldando a preocupação da diocese com a educação e consequentemente dando-lhe sustentação.

## **MEMÓRIA DOS EX-ALUNOS**

Uma instituição torna-se reconhecida e respeitada pela formação que é dada aos seus alunos, através dos ensinamentos sobre as várias áreas do conhecimento, mas também sobre valores morais e humanos que lhes são repassados durante o seu processo de formação educacional, isto é perceptível na fala de alguns de seus ex-alunos. Tais depoimentos foram registrados na Revista do Colégio Diocesano, (Edição Comemorativa do Jubileu de Ouro do seu Diretor, publicada em 1988), quando do aniversário de 50 anos do Monsenhor Montenegro na direção do Colégio Diocesano do Crato.

Napoleão Tavares Neves recorda (p.25)

“Vejo-me tímido menino egresso da zona rural de Jardim e Porteiras, penetrando nos umbrais do Ginásio do Crato para fazer o Exame de Admissão ao Ginásio. Era 05 de novembro de 1943, data marco da minha vida! Entrei no vestuto casarão da Rua Nelson Alencar encabulado, medroso, levado por meu tio Alboino Miranda Tavares. Antes de tudo temia o trote que foi apenas ensaiado por Celsinho, um veterano do Cedro. Entrei na sala de aula para a primeira aula da conceituada educadora, Dona Irene Cabral. Gostei muito. Logo depois conheci o tão falado padre Montenegro, Diretor do Ginásio do Crato, único estabelecimento de ensino para rapazes da metade sul do Ceará! Efetivamente, chegar ao Ginásio do Crato era meta de

todo jovem que almejasse crescer na vida”. (Barbalha 13 de novembro de 1988).

Antônio Luiz Barbosa, filho de pedreiro que trabalhou durante vários anos no então Ginásio do Crato, revela gratidão, principalmente ao Mons. Montenegro, ao recordar os anos de estudo e os seus respectivos professores (p.27),

“E foi lá, naquele venerando estabelecimento de ensino, como aluno, recebendo as lições de Latim e de Inglês do mestre culto que tão bem sabe transmitir os conhecimentos adquiridos aos seus discípulos, no caso, V. Revma.; os ensinamentos matemáticos desse sacerdote e professor, Mons. Antônio Feitosa, de virtudes peregrinas e cultura invejável, que hoje festeja , também, o seu jubileu de ouro de ordenação sacerdotal; do invulgar Pe. Antônio Gomes, nas cadeiras de História e Religião; do inconfundível professor Aluizio Eptácio Pereira, na cátedra de nossa língua mater; de Stêncio Lopes e Mons. Raimundo Augusto de Araújo Lima, no lúcido idioma da imortal Gália; do Dr. Álvaro Madeira, de respeitável memória, em Geografia e de tantos outros mestres que honraram o nosso Ginásio do Crato com a presença deles, que obtive luzes capazes de fazer-me enfrentar e lograr aprovação em concurso para o Banco do Brasil S.A., há 4 décadas atrás”. (Crato, 13 de outubro de 1985).

## CONCLUINDO

É claramente perceptível nos dois depoimentos que o Colégio Diocesano do Crato cumpriu o seu papel na formação dos seus alunos. Dessa forma entendemos que a estratégia de romanização da Igreja Católica no Brasil ganhou força após a instituição do Estado Laico (1891). Ao longo do século XX, este processo foi objeto de várias alterações que objetivam ajustá-lo às novas necessidades e conjunturas.

Inicialmente a Igreja desperta para a necessidade de expandir sua área de atuação, com o aumento expressivo das dioceses e paróquias. Além disso, busca manter vínculos com o Estado, com o objetivo de cristianizar as instituições e desenvolver um quadro de intelectuais católicos, bem como conquistar benefícios e regalias para a Igreja. A escola passa a ser vista como espaço para a formação da juventude que passará a difundir seus ideais. Tal local torna-se, então, o centro das atenções do aparelho religioso da Igreja.

O Colégio Diocesano do Crato é uma instituição que seguindo os princípios instituídos por Roma para a implementação do processo de romanização da educação, cumpriu com o seu papel de formação da juventude, para a difusão dos ideais católicos, respaldando a Diocese do Crato, com relação à preocupação com a formação educacional e



**XIV ECHE – ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**  
**IV ENHIME – ENCONTRO NACIONAL DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO**  
**FORTALEZA – CE | 17 a 19 de Setembro de 2015 | ISSN XXXX XXXX**

humana de seus alunos dentro dos valores cristãos estabelecidos pela Santa Sé.

## **REFERÊNCIAS**

AZZI, Riolando. A Crise da Cristandade e o Projeto Liberal. História do Pensamento Católico no Brasil. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.

\_\_\_\_\_. O catolicismo popular no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1978. (Coleção Cadernos de Teologia e Pastoral, n.11).

\_\_\_\_\_. (org.). A vida religiosa no Brasil: enfoques históricos. São Paulo, Editora Paulinas, 1983.

CÂMARA, Fernando. Dom Quintino e o cinquentenário de sua morte. Artigo publicado na Rev. Do Inst. Do Ceará, Fortaleza, p. 93:Jan-Dez. 1979.

CÂMARA NETO, Isnard de Albuquerque. Diálogos Sobre Religiosidade Popular. Os urbanistas, revista digital de antropologia urbana. Ano 1, vol. 1, outubro de 2003.

CAVA, Ralph Della. Milagre em Joaseiro. Tradução de Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1976.

CAVALCANTE, Aluísio. O Crato intelectual. In: Revista A Província, nº 09, Crato, julho/dezembro, 1995, 110–112.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios).

VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula. A territorialidade das ações instrucionais da Igreja Católica no Ceará. In: VASCONCELOS, José Gerardo Carvalho do; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.). História da Educação no Nordeste Brasileiro. Fortaleza: Ed. UFC, 2006b, p.114-126.

\_\_\_\_\_. Espaço geográfico nas pesquisas educacionais. In: VASCONCELOS, José Gerardo Carvalho do; [et al...]. História da Educação – vitrais da memória: lugares, imagens e práticas culturais. Fortaleza: Ed. UFC, 2008.

\_\_\_\_\_. O Limoeiro da Educação [manuscrito]: a história da criação da diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968). Tese (Doutorado em Educação). Fortaleza: UFC, 2006.

Revista do Colégio Diocesano do Crato, Diocese do Crato, Ceará, Brasil, 1988.